

“Homem do seu tempo e do seu país”: senhores, escravos e libertos nos escritos de Machado de Assis

Elisângela Aparecida Lopes

Abstract:

This article analyzes the established relations between the characters that represent masters, slaves, and freed men in Machado de Assis' writings. The analysis of the slavery and abolitionist themes and, above all, the identification of the discursive *locus* of these writings allow us to assert the writer's involvement to the questions of his époque.

Keywords: Machado de Assis, slavery, abolitionism, irony.

Este artigo analisa, de forma sucinta, as representações ficcionais das relações estabelecidas entre senhores, escravos e libertos, em parte da obra de Machado de Assis, a fim de mostrar a presença de personagens negros, nos textos do escritor, e o envolvimento do escritor com as questões relacionadas à escravidão e à abolição brasileira. Percebemos que certo discurso, oriundo de meados do século XIX, indicador de um possível alheamento do escritor em relação às questões históricas do período ainda se faz presente na contemporaneidade. Porém, é possível ver, nas entrelinhas do discurso ficcional e jornalístico do romancista, algumas referências e alusões históricas que me impulsionavam, cada vez mais, a compreender seus textos.

A denúncia da suposta indiferença de Machado em relação às questões do seu tempo, a acusação do seu aparente não envolvimento com as manifestações abolicionistas e o seu pseudo-silêncio quanto à mudança do regime político do país renderam a ele a acusação de não se posicionar politicamente diante de fatos marcantes na história brasileira. Desde a ausência da “cor local” apontada por Silvio Romero, no seu livro *Machado de Assis*, como elemento a confirmar a arianização do escritor, até o ensaio de Afonso Romano de Sant’Anna, intitulado “A escravidão: um quase silêncio”, são quase cem anos nos quais a ausência de temas brasileiros, notadamente políticos, faz-se presente na crítica literária, afastando o nosso maior escritor da história do seu país. Além destes, outros estudiosos apontam a ausência do tema negro na obra machadiana como item a referendar o branqueamento do escritor, a exemplo de Luiza Lobo e Domício Proença Filho. Há ainda aqueles que demarcam a parca presença e a pequena importância dos personagens escravos na obra, a exemplo

de Schwarz e Faoro. Paralelamente a este discurso hegemônico, surgiram pesquisadores que, na contramão da história da crítica literária, dedicaram-se a mostrar a presença da história do país nos textos de Machado, a exemplo de John Gledson e Sidney Chalhoub.

Trataremos aqui da presença da escravidão e da liberdade, mencionados e/ou tangenciados pelo escritor em seus textos em prosa. Sendo assim, é possível vislumbrar um diálogo entre os personagens negros, escravizados ou libertos, presentes na obra do escritor, e a historiografia oficial. Além disto, destacamos a construção discursiva de Machado, calcada na ironia, como elemento a camuflar as suas críticas ao regime escravista e à forma como a abolição foi realizada. Alguns dos textos analisados, apesar de fazerem menções à temática, ainda não foram tomados como elementos significativos da crítica do escritor à sociedade do seu tempo.

Ao se levar em conta a qualidade (e não a quantidade) de referências ao regime escravista na obra do escritor, o suposto absentismo e o não envolvimento com a temática escrava deixam de fazer sentido. Principalmente se nos atermos ao seu texto, "Instinto de nacionalidade", percebermos uma coerência entre o discurso de Machado ao exercer a função de crítico da literatura e a sua obra literária. Nesse texto, ele salienta que um escritor pode se fazer "homem do seu tempo e do seu país" mesmo ao tratar de assuntos que, "aparentemente", não se encontravam relacionados ao momento histórico vivenciado.

A maneira machadiana de se referir à escravidão e à liberdade dos negros encontra-se marcada pela ironia, pelo disfarce, pela construção alegórica. Não há tendência panfletária, pró abolição, nos escritos machadianos. Ao contrário, o retrato da escravidão é feito sob um viés analítico que toma as relações sociais como temas ficcionais. É na representação das relações entre senhores, escravos e libertos, e da visão de mundo destes, no contexto de uma sociedade e de uma mentalidade escravistas, que o tema histórico se faz presente. Provavelmente por isso, o absentismo do escritor tenha sido tão dito e repetido pela crítica literária. Às vezes, os negaceios verbais presentes nos seus escritos podem nos levar a interpretações díspares quanto ao seu posicionamento político. Sem nos atermos à ironia machadiana, à organização ficcional de seus textos e ao intuito autoral por detrás das representações literárias, seria difícil reconhecer as críticas do escritor à sociedade escravista.

Na crônica de 23 de novembro de 1885, por exemplo, a distinção entre o direito de propriedade e a liberdade poderia nos levar a ver, neste texto, um libelo a favor da manutenção do escravismo, porém, é possível perceber a crítica do escritor à política de dominação baseada na coisificação do outro. O final enigmático que o escritor dá ao texto indica a impossibilidade de se barrar a promulgação da lei abolicionista e aponta para a existência de uma oligarquia absoluta que continuaria a reger o país mesmo com a chegada da liberdade e da República.

Contudo, se lermos sua obra como um todo organizado, reconhecendo os diálogos existentes entre suas crônicas, poesias, seus contos, romances e textos críticos, percebemos algumas recorrências quando a tratar da escravidão.

Representada em seu viés paternalista, o regime escravocrata torna-se alvo das críticas do escritor por direcionar os destinos alheios e por referendar o escravizado como elemento cuja função é realizar os desejos senhoriais, como demonstram os

contos "Virginius (narrativa de um advogado)" e "Mariana". Muitas vezes sem dar a ela o seu nome, Machado se refere à escravidão como "isso", "outra coisa" e aponta para a reprodutibilidade do sistema ao construir um personagem escravo, Prudêncio, que, mesmo depois de liberto, compra para si um cativo. Em muitos dos seus textos, o escritor aponta para a necessidade de se mudar a mentalidade brasileira e, neles, as críticas são direcionadas aos escravocratas que vêem os lentos passos dados em direção à abolição como ameaças à hegemonia deles. Estes personagens são construídos de forma caricatural, como bonecos a reproduzir a ideologia escravista que logo é posta em xeque pela voz do narrador, tal como na crônica de 1876, quando o narrador utiliza-se de uma expressão francesa - *Le pauvre homme!* - para adjetivar o comportamento dos senhores diante dos primeiros passos efetivos rumo à liberdade, representada pela lei do ventre livre. Naquele texto, dois discursos se opõem: o do cronista, quando exalta o quinto aniversário da dita lei, e o do senhor de escravos, saudoso dos tempos em que o Estado não tinha o poder de intervir nas relações alicerçadas pelo direito de propriedade sobre seres humanos.

Da mesma forma, o discurso falsamente abolicionista, manifestado através da "filantropia artificial" - uma definição machadiana para indicar as atitudes benemerentes dos senhores para com seus escravizados -, é desmascarado pelo narrador que revela as verdadeira intenções, bastante particulares, por detrás das máscaras. Diante da iminente liberdade dos cativos, alguns personagens representativos da classe senhorial assumem um discurso falsamente abolicionista e filantrópico ao concederem a alforria aos seus escravos, sem, contudo, significar isto uma concretização efetiva da liberdade. "A sede de nomeada" e o desejo da notoriedade pública configuram-se como elementos caracterizadores dos personagens senhoriais desejosos de manter a inviolabilidade de seus desejos e dos seus direitos sobre o Outro.

A sociedade de meados do século XIX faz-se presente nos escritos de Machado também através das relações tecidas entre os três estamentos que a compunham. O direito de propriedade do senhor sobre o cativo e a dependência do homem livre e pobre em relação àqueles que compunham o primeiro estamento são ficcionalizados pelo escritor de forma a revelar a lógica que regia as relações sociais dos oitocentos, como ocorre nos contos "Pai contra mãe" e "O caso da vara". A dependência dos escravizados, enquanto propriedade, e dos homens livres, enquanto coadjuvantes sociais, em relação à classe senhorial, representada nestes dois contos, configuram-se como exímio retrato do funcionamento da sociedade oitocentista, através da arte literária. O que os dois contos mostram é que ao mesmo tempo que a dependência aproxima homens livre e escravos, eles se distanciam pela noção de propriedade que marca a condição social destes.

No processo histórico rumo à abolição total, a promulgação de leis emancipacionistas foi exaltada, mas também criticada em diferentes momentos pelo escritor. O regozijo pela promulgação da Lei Áurea faz-se presente em dois textos - um capítulo de *Memorial de Aires*, e uma crônica de 14 de maio de 1893, dando a entender que nem mesmo o caramujo Machado de Assis ficou imune ao delírio público que tomou a população naquela data. O elogio às leis, entendidas como um passo rumo à liberdade dos cativos, sempre vinha acompanhado de um olhar arguto, capaz

de ver à frente do tempo vivido, e pontuar a necessidade de se mudar a mentalidade brasileira.

Machado antevia que, mesmo após findo o regime, outras formas de dominação sobre os libertos surgiriam. Quer seja pela impossibilidade deles exercerem ofícios muito diferentes daqueles que desempenhavam dentro do sistema, quer pela imobilidade social a que estariam sujeitos ao serem vistos como seres oriundos da escravidão, a exemplo do personagem João, o sineiro da Igreja da Glória, da crônica de 04 de novembro de 1897.

Faz-se interessante notar que Machado dá voz aos personagens escravos fazendo-os refletirem sobre o regime. Desta forma, um outro ponto de vista se manifesta e a voz textual passa a ser a nós revelada sob uma perspectiva bastante peculiar. Podemos "ler" o processo de emancipação pelos olhos de Pai Silvério, personagem da crônica de 27 de setembro de 1887, um escravo de ganho para quem toda a discussão em torno da questão escravista ainda não havia trazido nenhum efeito significativo para o seu cotidiano. Da mesma forma, o diálogo entre os burros falantes, relativo à crônica de 1894, representa forte crítica à mentalidade escravista na medida em que esta se fazia presente na sociedade mesmo após 1888. Um desses personagens da fábula machadiana chega à conclusão que a liberdade apenas faria com que eles mudassem de dono, da mesma forma que a abolição passou a propriedade escrava das mãos dos senhores para as do empregador.

O discurso do personagem Paulo, do romance *Esaú e Jacó*, é representativo do posicionamento adotado pelo escritor frente à chegada da liberdade. Diante da promulgação da lei de 1888, Paulo clama: "a abolição é a aurora da liberdade, esperemos o sol; emancipado o preto, resta emancipar o branco" (1997, p.992). Sendo assim, a liberdade dos escravizados é tida pelo personagem como um primeiro passo rumo à autonomia. Para que esta seja concretizada, torna-se necessária a mudança da mentalidade senhorial que tinha o escravo como ser inferior e dotado de pouca capacidade intelectual.

No último romance de Machado, *Memorial de Aires*, encontram-se representados os momentos finais do regime escravista e as conseqüências da iminente abolição para os senhores. Não é por acaso que o Barão de Santa-Pia passa a ser definido por sua filha como um homem acabado, após 13 de maio de 1888 – naquele romance, o fato político leva o Barão à morte. Assim como em "O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana", a fuga dos escravizados leva o protagonista à beira da loucura, fazendo dele um homem sem função, colocando-o frente a si mesmo, ao se ver refletido no espelho.

Seja como for, a presença destes personagens na obra de Machado de Assis tem a importância de nos permitir mostrar algumas facetas do comprometimento político e social do escritor em relação à temática negra, quer seja em presenças ou em ausências, entre ditos e interditos.

O intuito de libertar esses personagens negros machadianos do esquecimento/apagamento a que foram relegados e de revelar a importância destes para o entendimento das narrativas nas quais se fazem presentes, somado à necessidade de apontar a adoção de um posicionamento crítico por parte do escritor frente às questões históricas de seu tempo motivaram a realização de uma longa pesquisa, aqui resumida. Como pistas deixadas pelo caminho, os textos aqui

mencionados são capazes de confirmar que Machado de Assis fez-se "homem do seu tempo e do seu país", mesmo quando tratou de assuntos e temas *aparentemente* remotos no tempo e no espaço.

Resumo:

Este artigo analisa as relações estabelecidas entre os personagens que representam os senhores, os escravos e os libertos, nos escritos de Machado de Assis, a fim de mostrar o ponto de vista do autor em relação ao momento histórico. A análise das temáticas escravista e abolicionista e a identificação do *locus* discursivo do qual partem esses escritos permitem-nos perceber o envolvimento do escritor com as questões do seu tempo

Palavras-chave: Machado de Assis; escravidão; abolicionismo; ironia.

Referências

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FAORO, Raimundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

GLEDSON, John. Introdução. In: _____ (Org.). *Bons dias!:* crônicas (1888-1889). São Paulo: Hucitec; Unicamp, 1990. p. 7-27.

_____. Introdução. In: _____ (Org.). *A Semana: crônicas (1892-1893)*. São Paulo: Hucitec; Unicamp, 1990. p. 11-34.

_____. *Machado de Assis: impostura e realismo: uma reinterpretação de Dom Casmurro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. *Machado de Assis: ficção e história*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. *Por um novo Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade. *O Novo Mundo*, Nova York, 24 mar. 1873. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 3, p. 801-809.

_____. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 nov. 1885. "Balas de Estalo". In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 3, p. 478-479.

_____. *Ilustração brasileira*, Rio de Janeiro, 1º out. 1876. "História de Quinze Dias". In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 3, p. 349-352.

_____. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 4 nov. 1897. "A Semana!". In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 3, p. 770-772.

_____. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 jun. 1894. "A Semana!". In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 3, p. 610-613.

_____. *Esaú e Jacó* (1904). In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 1, p. 945-1093.

_____. *Memorial de Aires* (1908). In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 1, p.1094-1200.

_____. Virgínius: narrativa de um advogado. *Jornal das Famílias*, Rio de Janeiro, jul./ago. 1864. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 2., p. 737-748.

_____. Mariana. *Jornal das Famílias*, Rio de Janeiro, jan. 1871. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 2., p. 771-783.

_____. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. *Papéis avulsos* (1882) In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 2. p.345-352.

_____. O caso da vara. *Páginas recolhidas* (1900). In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 2, p. 577-582.

_____. Pai contra mãe. *Relíquias de Casa Velha* (1906). In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 2, p. 659-667.

PROENÇA FILHO, Domício. O negro e a literatura brasileira. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo, v. 49, n. 1/4, jan./dez. 1988. p. 77-109.

ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis*. 2.ed. Rio de Janeiro: [s/n], 1936.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Aspectos da crônica em Machado de Assis. *Estudos de Literatura Brasileira: Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, n. 4, 1994.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000a.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000b.